

Mundo ainda longe do ápice do populismo

— EUA trocaram sua fé no sonho americano pelo humor azedo e populista de tantos outros países

estadaodigital#wsmuniz30@gmail.com

YUKI IWAMURA/AP - 23/5/2024



Comício de Trump no Bronx, em Nova York; hostilidade americana em relação às elites é comum

ARTIGO

David Brooks

The New York Times
É colunista, comentarista e professor da Universidade Yale

Os americanos costumavam empreender longos debates sobre o excepcionalismo dos EUA, de serem um país internacionalizado entre as outras nações, e eu sempre pensei que a maior parte da evidência confirmava essa diferença. Mas, atualmente, as atitudes políticas dos americanos são bastante comuns.

Os EUA, em vez de se sobressair como defensores da democracia, como uma nação que dá boas-vindas a imigrantes, como um país perpetuamente jovem e energizado por sua fé no sonho americano, está neste momento tomado pelo mesmo humor amargo e populista que impregna quase todo o planeta.

Anteriormente, este ano, por exemplo, o instituto de pesquisas Ipsos publicou um relatório com base em entrevistas com 20.630 adultos realizadas em 28 países, incluindo a África do Sul, Indonésia, Brasil e Alemanha. Pergunta após pergunta, as respostas nos EUA figuraram na média.

O pessimismo americano é comum. Cerca de 59% dos

americanos disseram acreditar que seu país está em declínio; em comparação, 58% das pessoas de todos os 28 países disseram o mesmo. Sessenta por cento dos americanos concordaram com a afirmação “o sistema está quebrado”, assim como 61% das pessoas em todo o mundo.

A hostilidade americana em relação às elites é comum. Sessenta e nove por cento dos americanos concordaram que “as elites política e econômica não se importam com pessoas que trabalham duro”, assim como 67% dos entrevistados em todas as 28 nações.

Sessenta e três por cento dos americanos concordaram que “especialistas neste país não entendem a vida de pessoas como eu”, em comparação com 62% que afirmaram o mesmo ao redor do mundo.

AUTORITARISMO. As tendências autoritárias dos americanos são comuns. Sessenta e seis por cento dos americanos disseram que o país “precisa de um líder mais forte para tirar o país das mãos dos ricos e poderosos”, em comparação com 63% dos entrevistados entre o total das 28 nações.

Quarenta por cento dos americanos disseram acreditar que precisam de um líder forte que “rompa as regras”, pouco abaixo do índice glo-

Uma conclusão óbvia é que seria um erro analisar a eleição dos EUA apenas em termos americanos

estadaodigital

bal, de 49%, de pessoas com essa mesma convicção.

Esses resultados revelam um clima político – nos EUA e ao redor do planeta – extremamente favorável aos populis-

tas de direita. O que é importante, porque este é um ano decisivo, no qual pelo menos 64 países organizarão eleições nacionais. O populismo emergiu como o movimento global dominante.

Neste ano, populistas triunfaram em eleição após eleição. Regimes populistas de turno foram ou estão prestes a ser reeleitos na Índia, na Indonésia e no México. Partidos populistas desempenharam bem nas urnas de Portugal, Eslováquia e Holanda, onde o líder de extrema direita Geert Wilders chocou o mundo levando ao poder seu Partido pela Liberdade.

RISCOS. As elites europeias estão escoradas nas eleições ao Parlamento Europeu, no próximo mês. Se as pesquisas se confirmarem, o Parlamento está prestes a pender acentuadamente para a direita, colocando em risco as atuais políticas sobre a mudança climática e a Ucrânia.

Especialistas projetam que partidos populistas anti-Europa deverão triunfar nas eleições eurodeputados em nove países: França, Itália, Áustria, Bélgica, República Checa, Hungria, Países Baixos, Polónia e Eslováquia. Partidos com essa orientação deverão ficar em segundo ou terceiro em outros nove países, incluindo Alemanha e Espanha.

Além disso, é claro, temos a ténue, mas constante liderança de Donald Trump nas pesquisas dos Estados americanos eleitoralmente indefinidos. No mínimo, essa evidência sugere que o ímpeto ainda se situa do lado populista.

Trump parece estar ampliando sua liderança entre os eleitores de classe trabalhadora. Na Europa, populistas fazem grandes avanços não apenas entre os velhos e desiludidos, mas também entre os jovens.

Segundo pesquisa, 41% dos eleitores europeus com idades entre 18 e 35 anos moveram-se politicamente para a direita ou para a extrema direita. Nas recentes eleições portuguesas, o partido Chega!, populista de direita, cresceu entre os jovens, enquanto cerca da metade dos votos ao Partido Socialista veio de eleitores com mais de 65 anos.

EXTERNO. Uma conclusão óbvia é que seria um erro analisar a eleição presidencial americana em termos exclusivamente americanos. O presidente Joe Biden e Trump estão sendo sacudidos de um lado para o outro por condições globais muito além de seu controle.

Essas tendências também sugerem que os americanos podem estar em um daqueles momentos magnéticos na história do mundo. Há certos momentos, como 1848 e 1989, quando acontecimentos em

diferentes países parecem se construir uns sobre os outros, quando os EUA são varridos por corredeiras que ocasionam mudanças similares em países diferentes, quando a consciência global parece mudar.

GUIA. Evidentemente, a principal diferença entre aqueles anos e 2024 é que durante aqueles momentos determinantes o mundo experimentou uma expansão da liberdade, a disseminação da democracia e o avanço dos valores liberais. Neste ano, os EUA devem testemunhar um declínio de todos esses elementos.

Existe alguma maneira de resistir à maré populista? É claro que sim, mas essa luta começa com um humilde reconhecimento de que as atitudes que sustentam o populismo emergiram ao longo de décadas e agora estão espalhadas pelo planeta.

A reconstrução da confiança da sociedade tem de ocorrer desde a fundação, de baixo para cima. Para recomendar aos candidatos do mainstream como agir neste ano eleitoral, eu não poderia dar um conselho melhor do que o oferecido pelo acadêmico Larry Diamond, da Hoover Institution, na revista *The American Interest*, em 2020: Não tente ser mais polarizador que o polarizador. Se denunciar o populista, você apenas mobilizará a base dele e parecerá fazer parte do odiado establishment. Aponte os elementos duvidosos de seus apoiadores. Não questione o caráter de seus apoiadores nem seja condescendente; apele para interesses e sonhos positivos. Evite trocas de insultos. Você estará jogando o jogo do populista – e parecerá mais baixos que ele. Formule uma campanha com diferentes temas.

A pesquisa Ipsos mostra que mesmo pessoas que odeiam o sistema estão ávidas por programas de criação de empregos e melhorias em educação, saúde e segurança pública. Conforme coloca Diamond: “Ofereça propostas de políticas substantivas e práticas, não ideológicas”.

Não permita que o populista se aproprie do patriotismo. Ofereça uma versão de orgulho nacional que dê às pessoas uma sensação de pertencimento em meio à diferença. Não seja tedioso. A batalha por atenção não gera remorso. Não permita que os conselheiros tornem seu candidato previsível, oculto e seguro.

Parece que as eleições deste ano serão vencidas por qualquer lado que se posicione favoravelmente à mudança. Os populistas prometem demolir os sistemas. Os progressistas precisam defender a mudança dos sistemas, de modo amplo e construtivo. ●

TRADUÇÃO DE GUILHERME RUSSO.